

# História Diversa

Danila Barbosa de Castilho  
(Organizadora)

 **Atena**  
Editora

Ano 2019

Danila Barbosa de Castilho

(Organizadora)

# História Diversa

Atena Editora  
2019

2019 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação e Edição de Arte: Geraldo Alves e Lorena Prestes

Revisão: Os autores

#### Conselho Editorial

- Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília  
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista  
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia  
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

#### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

H673 História diversa [recurso eletrônico] / Organizadora Danila Barbosa de Castilho. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2019.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-7247-054-4

DOI 10.22533/at.ed.544192201

1. História – Estudo e ensino. 2. História – Filosofia. I. Castilho, Danila Barbosa de.

CDD 900.7

**Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422**

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores.

2019

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)

## APRESENTAÇÃO

A história preocupa-se com o estudo do homem no tempo. O tempo é compreendido como algo complexo, não linear e os documentos produzidos no passado são vestígios que podem ser interpretados sob diferentes perspectivas.

O conhecimento histórico é construído num processo constante de reflexão com os autores, as fontes e as relações sociais. Essa construção torna-se uma tarefa atenta aos contextos e com rigor quando o pesquisador problematiza suas fontes.

Neste processo de construção o passado é lido a partir do presente utilizando fontes – que podem ser escritas, orais, fotográficas, entre outras – e em diálogo com outras ciências como a filosofia, a sociologia, a teologia, a antropologia e etc.

Essa diversidade de fontes, temas e diálogos estão presentes nos textos apresentados nesta coletânea. Diferente das ciências exatas a história está sempre em busca dos porquês.

Ao encontrar uma possível resposta o historiador pode modificar análises feitas anteriormente e provocar novas investigações sob outros pontos de vista. Assim espera-se que esta obra possa, além de divulgar textos recentes, estimular novas pesquisas.

Boa leitura!

Danila Barbosa de Castilho

## SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO 1</b> .....	<b>8</b>
AS LINGUAGENS DE LIDERANÇA EVANGÉLICA NA COMUNIDADE GÓLGOTA DE CURITIBA/PR NA CONTEMPORANEIDADE	
Maralice Maschio	
DOI 10.22533/at.ed.5441922011	
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	<b>20</b>
SINCRETISMO RELIGIOSO NO BRASIL (COLONIAL): UMA PERSPECTIVA DE ANÁLISE ATRAVÉS DA OBRA <i>CASA GRANDE &amp; SENZALA</i>	
Lidiana Gonçalves Godoy Zanati Ricardo Oliveira da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.5441922012	
<b>CAPÍTULO 3</b> .....	<b>27</b>
<i>PONTIFEX MAXIMUS</i> E MONARQUIA INGLESA: BIPOLARIZAÇÃO E DISPUTA DE PODERES NA ERA ELISABETANA	
Giovana Eloá Mantovani Mulza	
DOI 10.22533/at.ed.5441922013	
<b>CAPÍTULO 4</b> .....	<b>43</b>
SEM QUERER, QUERENDO: CATOLICISMO E POLÍTICA NA AUTOBIOGRAFIA DE ROBERTO GÓMEZ BOLAÑOS	
Priscila de Andrade Rodrigues	
DOI 10.22533/at.ed.5441922014	
<b>CAPÍTULO 5</b> .....	<b>55</b>
A AÇÃO POPULAR MARXISTA-LENINISTA E A PRODUÇÃO DE REVOLUCIONÁRIOS NA DÉCADA DE 1960	
Olívia Candeia Lima Rocha	
DOI 10.22533/at.ed.5441922015	
<b>CAPÍTULO 6</b> .....	<b>67</b>
A CONSTITUIÇÃO OUTORGADA BRASILEIRA DE 1824	
William Geovane Carlos	
DOI 10.22533/at.ed.5441922016	
<b>CAPÍTULO 7</b> .....	<b>75</b>
A OCUPAÇÃO AMERICANA E A CONSTITUIÇÃO JAPONESA NO PÓS-GUERRA	
Douglas Pastrello	
DOI 10.22533/at.ed.5441922017	
<b>CAPÍTULO 8</b> .....	<b>86</b>
BREVES CONSIDERAÇÕES SOBRE AS QUESTÕES COTIDIANAS DE VIDA E DE TRABALHO NO VARGUISMO E NO PERONISMO	
Mayra Coan Lago	
DOI 10.22533/at.ed.5441922018	

<b>CAPÍTULO 9</b> .....	<b>102</b>
COM POUCOS TIJOLOS E MUITOS VOTOS: O CONJUNTO HABITACIONAL ITARARÉ E AS ELEIÇÕES DE 1978 (TERESINA-PI)	
<a href="#">Marcelo de Sousa Neto</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.5441922019</b>	
<b>CAPÍTULO 10</b> .....	<b>119</b>
FONTES ORAIS & HISTÓRIA POLÍTICA E OS ESTUDOS DE HISTÓRIA LOCAL E REGIONAL	
<a href="#">Pere Petit</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.54419220110</b>	
<b>CAPÍTULO 11</b> .....	<b>128</b>
O EXÍLIO COMO PRÁTICA DO TERRORISMO DE ESTADO (TDE): O CASO DE UM GRUPO DE GAÚCHOS EXILADOS NO CHILE (1970 -1973)	
<a href="#">Cristiane Medianeira Ávila Dias</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.54419220111</b>	
<b>CAPÍTULO 12</b> .....	<b>141</b>
CONHECENDO AS COMUNIDADES, FORTALECENDO SABERES	
<a href="#">Márcia Regina Bierhals</a>	
<a href="#">Nóris Beatriz Costa Ney</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.54419220112</b>	
<b>CAPÍTULO 13</b> .....	<b>149</b>
EDUCAÇÃO DO CAMPO E AS CIÊNCIAS HUMANAS: A EXPERIÊNCIA DA ESCOLA POPULAR NA FAZENDA LARANJAL EM ITAPURANGA	
<a href="#">Valtuir Moreira da Silva</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.54419220113</b>	
<b>CAPÍTULO 14</b> .....	<b>161</b>
O ESTAGIO SUPERVISIONADO NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES	
<a href="#">Cristina Aparecida de Carvalho</a>	
<a href="#">Michelle Castro Lima</a>	
<a href="#">Marco Antônio Franco do Amaral</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.54419220114</b>	
<b>CAPÍTULO 15</b> .....	<b>175</b>
O LÚDICO NO ENSINO DE ÁFRICA E DA CULTURA AFRO-BRASILEIRA NA EDUCAÇÃO BÁSICA: VALORIZAÇÃO DE NOSSAS RAÍZES	
<a href="#">Vanessa Cristina Meneses Fernandes</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.54419220115</b>	
<b>CAPÍTULO 16</b> .....	<b>182</b>
UMA EXPERIÊNCIA COM A HISTÓRIA ORAL NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE LÍNGUA PORTUGUESA À LUZ DO LETRAMENTO	
<a href="#">Augusto José Savedra Lima</a>	
<a href="#">Nilton Paulo Ponciano</a>	
<a href="#">Marta de Faria e Cunha Monteiro</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.54419220116</b>	

<b>CAPÍTULO 17</b> .....	<b>190</b>
MULHERES <i>QUEER</i> : CONSTRUÇÃO DAS IDENTIDADES DE MULHERES DJS	
Edson Sucena Junior	
DOI 10.22533/at.ed.54419220117	
<b>CAPÍTULO 18</b> .....	<b>202</b>
“LAÇOS DE PAPEL”: AS RELAÇÕES DE AMIZADE, CONFIANÇA E RESSENTIMENTO ESTABELECIDAS ATRAVÉS DA ESCRITA DE CARTAS DA BARONESA AMÉLIA PARA SUA FILHA AMÉLIA ENTRE OS ANOS DE 1885 A 1917 NA CIDADE DE PELOTAS/RS	
Talita Gonçalves Medeiros	
DOI 10.22533/at.ed.54419220118	
<b>CAPÍTULO 19</b> .....	<b>213</b>
A MULHER, TAL QUAL O PANTANAL SOBREPÕE AOS SEUS LIMITES - MIRELE GELLER, LIMITES ROMPIDOS	
Juliana Cristina Ribeiro da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.54419220119	
<b>CAPÍTULO 20</b> .....	<b>229</b>
A RELAÇÃO GÊNERO-RAÇA EM <i>MARU</i> DE BESSIE HEAD	
Valdirene Baminger Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.54419220120	
<b>CAPÍTULO 21</b> .....	<b>241</b>
AGREMIÇÕES NEGRAS: CACUMBIS, RANCHOS, CORDÕES, BLOCOS CARNAVALESCOS E ESCOLAS DE SAMBA (FLORIANÓPOLIS, 1920-1955)	
Karla Leandro Rascke	
DOI 10.22533/at.ed.54419220121	
<b>CAPÍTULO 22</b> .....	<b>256</b>
ENTRE O RELATO E A ESCRITA: ORALIDADE E TEXTUALIDADE EM O. G. REGO DE CARVALHO	
Pedro Pio Fontineles Filho	
DOI 10.22533/at.ed.54419220122	
<b>SOBRE A ORGANIZADORA</b> .....	<b>268</b>

## A MULHER, TAL QUAL O PANTANAL SOBREPÕE AOS SEUS LIMITES - MIRELE GELLER, LIMITES ROMPIDOS

**Juliana Cristina Ribeiro da Silva**

Professora da rede pública e privada

Campo Grande - MS

**RESUMO:** Este trabalho tem como finalidade relatar a história de vida de uma peoa, a única que se tem notícias de cruzar o Pantanal Norte ao Pantanal Sul, onde o Pantanal Norte refere-se, geograficamente, ao pantanal localizado no estado de Mato Grosso, assim como o Pantanal Sul, a porção localizada no estado de Mato Grosso do Sul. A comitiva pantaneira consiste no transporte de centenas, podendo chegar a milhares de cabeça de gado que são levadas de uma região a outra por peões boiadeiros. Nessa jornada, que pode durar dias, semanas e até meses, como foi o caso de uma viagem onde nossa peoa ficou mais de quatro meses encima do lombo de um burro, cada peão tem sua posição e sua função, Mirele era a culatera, também conhecido como meeiro. Para o desenvolvimento deste, optamos por ouvir suas narrativas, sua história de vida, onde optamos por utilizarmos a História Oral através de Meihy (1996) e Meihy e Holanda (2011), como metodologia. Os encontros dialógicos ocorreram em sua residência onde, além de ouvirmos sua narrativa, percebemos que suas lembranças são tecidas com o sentimento de saudades dos tempos de boiadeira. O olhar

atento ao filho que o tempo todo estava ao redor da mãe, ora com uma bota, ora com um assunto sobre boi ou cavalo, paixão que se tem origem na genealogia de nossa colaboradora.

**PALAVRAS-CHAVE:** peoa pantaneira, modo de vida, história oral e geografia cultural

**ABSTRACT:** This work aims to report the life history of a pawn, the only one that has been reported to cross the Pantanal North to the Pantanal Sul, where the Pantanal North refers geographically to the Pantanal, located in the state of Mato Grosso, as well as the Pantanal Sul, the portion located in the state of Mato Grosso do Sul. The pantaneira entourage consists of the transport of hundreds, and can reach thousands of head of cattle that are taken from one region to another by cowherd peons. In this journey, which can last for days, weeks and even months, as was the case of a trip where our peoa stayed more than four months on the back of a donkey, each pawn has its position and its function, Mirele was the culatera, too known as seed. For the development of this, we chose to listen to his narratives, his life history, where we chose to use Oral History through Meihy (1996) and Meihy and Holland (2011) as methodology. The dialogical encounters took place in his residence where, in addition to listening to his narrative, we realize that his memories are woven with the feeling of longing



for the boiadeira times. The attentive look at the son who was always around the mother, sometimes with a boot, now with a subject about ox or horse, passion that comes from the genealogy of our collaborator.

**KEYWORDS:** pantaneira's pawn, way of life, oral history and cultural geography.

## 1 | CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICO-GEOGRÁFICA DO PANTANAL

No Pantanal ninguém pode passar régua.

Sobremuito quando chove.

A régua é existidura de limite.

E o Pantanal não tem limites.

Manoel de Barros

A planície conhecida como Pantaneira nem sempre recebeu esse nome. Bem antes de receber essa nomenclatura, paraíso/refúgio das espécies, santuário ecológico – particularmente sua área mais alagável era chamada de Xarayes, Ulrico Schimidl adotou para a região o nome da nação homônima, passando então a ser “descrita em textos e representada em mapas como a fabulosa Laguna de los Xarayes” (COSTA, 1977, p. 79 e 122, *apud* LEITE, 2003, p. 17).

Trata-se de uma planície de aproximadamente 220 mil km<sup>2</sup>, com uma geografia cercada por montes, ou, divisores de água, como a serra de Maracaju, das Araras e da Bodoquena. De acordo com Adámoli (1991), a oeste a região faz divisa com a Bolívia e o Paraguai, nessa região, o pantanal recebe a nomenclatura de Chaco. Cerca de 80% desse bioma localiza-se em solo brasileiro, de 10 a 15% na Bolívia e de 5 a 10% no Paraguai (FUNDAÇÃO ROBERTO MARINHO, 2002; IBGE, 2004; MMA, 2010)

Silva e Abdon (1998), subdividem o Pantanal em 11 sub-regiões, conforme podemos verificar na figura 01, sendo elas: Cáceres, Poconé, Barão de Melgaço, Paraguai, Paiaguás, Nhecolândia, Abobral, Aquidauana, Miranda, Nabileque e Porto Murtinho, sendo a Nhecolândia a região mais central de todos os “pantanais”, conseqüentemente a mais isolada. Barretos Netto (1979, p. 39-40) relata que em 1928, criou-se na Nhecolândia o Centro de Criadores da Nhecolândia, tão organizados, que possuíam até um estatuto, que em seu artigo 3º regia a lei seca, *in verbis*:

“- Para cabal desempenho dos seus intuitos, ao Centro incumbirá:

1) Promover a defesa dos interesses dos seus associados perante os poderes públicos contra terceiros correndo as custas pelo diretamente interessado;

2) Tomar todas as medidas necessárias ao progresso moral e material da Nhecolândia, tais como:

a) **manter a eficiencia do pacto conta as bebidas alcoolicas [...]** (grifo nosso)

E para que essa lei fosse cumprida, havia até policiamento.

Ainda segundo Silva e Abdon (1998), o pantanal engloba 16 municípios, conforme figura 02. Destes, no Mato Grosso temos: Barão de Melgaço, Cáceres, Itiquira, Lambari D'Oeste, Nossa Senhora. do Livramento, Poconé e Santo Antônio do Leverger. Já em terras sul-mato-grossense, temos: Aquidauana, Bodoquena, Corumbá, Coxim, Ladário, Miranda, Sonora, Porto Murtinho e Rio Verde de Mato Grosso.

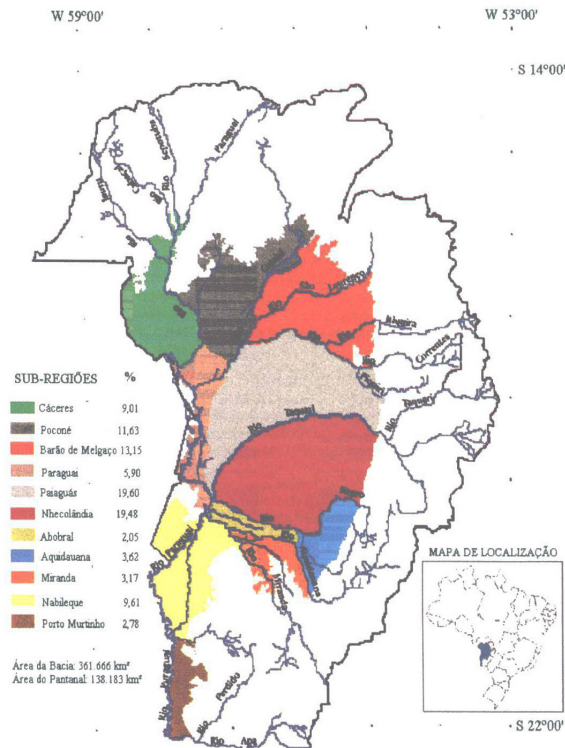


Figura 01

#### Sub-regiões do Pantanal

Fonte: Silva e Abdon (1998, p. 1706)

Silva (1995), por sua vez, à partir do ciclo hidrológico, dividiu o pantanal em: enchente, de outubro a dezembro; cheia, de janeiro a março; vazante, de abril a junho; e, estiagem, de julho a setembro. Este ciclo corresponde a renovação da vida pantaneira.

De acordo com Nogueira (1990), “por homem pantaneiro (ao nos referirmos a “homem”, considera-se ambos os gêneros), entenda-se, aqui, o elemento nativo do pantanal ou aquele que vive há mais de vinte anos, compartilhando hábitos e costumes típicos da região”. A ocupação do pantanal, do ponto de vista econômico se dá com a criação de gado, primeira atividade econômica desenvolvida na região. Nogueira (1990: 12-13) descreve o pantanal como:

“Neste contexto, não significa pântano, lamaçal, como se pode pensar à primeira vista. Pantanal é a denominação que se dá a um habitat úmido, ou melhor, a uma considerável superfície banhada pelo complexo hidrográfico formado por centenas de rios que nascem nos planaltos adjacentes, deságuam no rio Paraguai e lhe dão uma fisionomia especial.

Pantanal é um sistema ecológico que não se completa apenas com o conjunto de uma avefauna e de uma flora variadíssimas. Muito mais importante é o homem que nele vive tanto na condição de dono da terra, quanto na de vaqueiro, empreiteiro, bagualeiro, garimpeiro, balseiro, pescador, etc.

Ambientalista nato, o pantaneiro típico, no convívio diário com o ambiente, aprendeu a fazer a leitura da natureza, a fim de capturar suas mais sutis transformações. Incapaz de realizar ações que venham a prejudicar o Pantanal, há dois séculos mantém um relacionamento harmonioso que contribui para o fortalecimento das propostas de preservação dos seus diversos ecossistemas, ou seja, de seus diferentes conjuntos de elementos, que se inter-relacionam para garantir a manutenção do equilíbrio ecológico, como flora, fauna, fatores climáticos, biológicos, hidrográficos, etc”

Banducci Júnior (2007) elucida-nos que a ocupação do pantanal é relativamente recente pelas fazendas de gado, pois “se nos séculos XVII e XVIII desbravadores paulistas já percorriam a região, na captura de índios e em busca de ouro, será apenas nos anos de 1800 que a pecuária irá se estender de forma sistemática e contínua pelos campos”. Houve mineração, engenhos de açúcar, extração de madeira, mas foi a pecuária a mais determinante para a ocupação da região pantaneira.

O peão torna-se um dos grandes personagens do pantanal. Com base nos saberes populares de parte da população que vive e trabalha no Pantanal de Mato Grosso do Sul, este trabalho tem por objetivo relatar a história de uma peoa, através do modo de vida e a história oral de Mirele Geller. Embora essa seja uma atividade estritamente desenvolvida pelos homens, nossa personagem neste, desde quatorze anos de idade, exerceu a função de peoa de comitiva, para não dizer desde os três anos de idade.

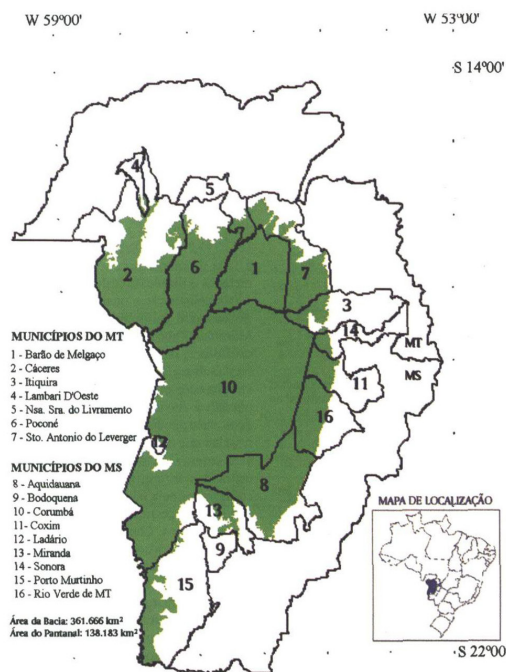


Figura 02

Mapa dos municípios pantaneiros

Fonte: Silva e Abdon (1998, p. 1707)

Ribeiro e Moretti (2012a) caracterizam que essa região é dividida em “propriedades privadas da terra, conhecidas por fazendas, que até meados do século XX praticavam, em sua maioria, exclusivamente a pecuária extensiva de corte”.

Os regimes de cheia e seca, próprios da planície pantaneira, tornam o trabalho imprescindível para não haver prejuízos com a perda do rebanho. “O homem pantaneiro aprendeu ao longo dos séculos, a fazer suas próprias previsões, alicerçadas na interpretação dos fenômenos naturais”, (NOGUEIRA, 2002: 31).

Os primeiros bovinos introduzidos no Brasil durante a colonização portuguesa foram usados como fonte de alimentação e animais de tração nas áreas rurais durante quase três séculos. A intensificação da pecuária na região do então Mato Grosso representou ampliação da presença do trabalhador remunerado nas fazendas. O crescimento do rebanho necessita até hoje de manejo, enquanto que a venda do gado quase sempre requer o trabalho das comitivas para fazer o transporte dos animais para diversas regiões do país. Para cumprir as marchas, os peões suportam todas as variações climáticas enfrentando chuva, frio, vento, poeira, além dos obstáculos naturais como corixos (trata-se um canal que liga as águas de lagoas, baías, alagados, etc., com os rios próximos, ou seja, é um pequeno rio que se forma em épocas de chuvas, que vem desaguar em outro rio maior), baías (lagoa em comunicação com um rio através de um canal), rios, campos abertos, campos sujos e as barreiras introduzidas pelo homem como estradas asfaltadas e porteiros, (BARROS NETTO, 1979).

De acordo Banducci Júnior (2007: 61), há diferentes funções exercidas nas propriedades rurais: a de peão de campo ou campeiro, que trabalha a cavalo, é o que confere maior prestígio, pois esta é considerada uma tarefa perigosa e arriscada. E “situado no topo da hierarquia dos trabalhadores das fazendas de gado está o capataz. É ele quem controla todas as atividades desenvolvidas na propriedade” (BANDUCCI JUNIOR, 2007: 63). Homem de confiança do patrão tem melhores condições de vida do que os peões comuns.

É sabido que existe o peão praieiro, peão campeiro e o peão boiadeiro. Peão praieiro consiste naquele que já possui uma certa idade e provavelmente algum problema de saúde onde ainda “insiste” em viver no pantanal (sobre essa questão em “insistir em viver no Pantanal”, em diálogos com peões mais velhos, é unânime a posição dizendo que não saberiam viver na cidade e nem terem outra atividade, pois “nasceram montados em uma sela”) e com isso desempenha papel de auxílio nas sedes ou na cantina da fazenda (em algumas fazendas, os peões casados almoçam em suas casas e os peões solteiros em uma cantina, onde, normalmente a cozinheira é a esposa do capataz ou gerente da fazenda, onde a mesma também é funcionária, em algumas delas, as refeições possuem um valor simbólico), fazendo limpeza de pátio, tratando animais domésticos, entre outros serviços “leves”. E o peão boiadeiro é aquele que realiza viagens conduzindo gados, normalmente comprados em leilões ou em fazendas e sendo entregues na fazenda do comprador.

Para ser um bom peão, a lida deste não se resume apenas à condução do gado. Antes de seguir viagem, os peões têm a função de amansar a montaria, (fazer a doma). Alguns equinos se negam a reproduzir o comportamento esperado pelo peão, mordem, coiceiam, jogam o peão contra as cercas, pulam para se livrar do cavaleiro e da sela; muitos, de tão ariscos, não permitem que lhes seja colocado o freio (CAMPOS FILHO, 2002: 123). Para a execução do serviço da comitiva é fundamental a interação entre peão e montaria. A relação do peão com o seu animal, normalmente burros ou mulas é algo que merece atenção. Verificamos em pesquisas que para o peão, o animal o escolhe, “dizendo” que aceita obedecê-lo, estabelecendo uma relação de parceria e companheirismo, onde, segundo um peão por nós entrevistado, “o burro para o peão é uma extensão do seu corpo no mato”.

Leite (2003, p. 22) relata que “o boiadeiro, em certas obras, não possui identidade, não possui ‘face’ ou outras características que possibilitem ao pesquisador aproximarse desse trabalhador. Sua presença é marginal, paralela, tal qual a localização ocupada na comitiva no curso das viagens com o gado”.

Ribeiro e Moretti (2012b, p. 05) relatam que outros atores adentraram a região pantaneira, conseqüentemente,

“Inserindo novos elementos à cultura pantaneira. A gente pantaneira sempre teve como uma das características, a simplicidade nas relações sociais e com a natureza. As pessoas que vivem no Pantanal, ao longo do tempo vão adquirindo experiências ambientais que as habilitam a interpretar os ciclos na natureza, tais

como, os períodos de cheia ou de seca, o comportamento e identificação dos sons dos animais, a época da florada das plantas e as ameaças que as ações humanas representam para aquele lugar”

A atividade econômica de pecuária é essencial na organização da vida humana na região pantaneira. Mesmo pequena, a população pantaneira é importante como parte do próprio ecossistema deste bioma, uma vez que ela se tornou responsável pela manutenção do equilíbrio ecológico, onde:

Não se pode deixar, pois, de reconhecer no pantaneiro, um incansável construtor de sua própria cultura, um conhecedor dos mais diversos ofícios rurais, que se vê obrigado a exercer, por força das circunstâncias do ecossistema. Dentro desta perspectiva, é lícito dizer que um peão pantaneiro que conheça toda a lida campestre e desempenhe com certa perfeição as atividades de aparte, doma, bagualeio, condução de boiada, é tão expert no seu metier quanto um especialista em informática, no exercício de suas funções (NOGUEIRA, 2002: 21).

Detentor de um conhecimento ímpar de sua profissão e do ecossistema pantaneiro, os peões boiadeiros conhecem as estradas e caminhos que muitas vezes são suprimidas pelo crescimento da vegetação e dos areais para levar o gado ao destino final. Segundo Brum (2010), é no cenário do período das cheias que as comitivas ganham mais visibilidade, pois são elas que conduzem o gado em direção a frigoríficos, leilões ou para áreas mais altas que não estão alagadas.

Em épocas de cheia, o peão boiadeiro chega aonde o caminhão não chega para retirar a boiada para as áreas que não estão alagadas ou conduzir o gado até onde o caminhão chega, seja para levar o gado para o frigorífico ou para outras localidades. Leite (2003, p. 25) elucida-nos que esta é uma “atividade componente do universo rural brasileiro e que sua existência e manutenção decorre também de sua forma tradicional, agregadas às relações que se estabelecem com o mundo urbano”. Argumenta ainda que:

“A sociabilidade nesses grupos possui profundas raízes nas palavras, nas conversas e nos silêncios. As rodas de tereré alimentam a memória dos viajantes e das viagens, produzindo sentidos para a vida rural pantaneira [...] Condutores e peões integram-se a esse universo enquanto habitantes e cúmplices dos hábitos locais, configurando-se eles mesmos em personagens que residem, trabalham e estabelecem relações com outros grupos, sentindo-se ainda parte da chamada população pantaneira, elaborando enfim suas representações a respeito do meio do qual fazem parte”.

A partir desse universo, convidamos para abrir a porteira e adentramos no modo de vida da peoa Mirele Geller.

## 2 | A ORALIDADE E O PANTANAL

A reta é uma curva que não sonha

Manoel de Barros

É sabido que a ocupação do pantanal se deu à partir da inserção do gado como

atividade econômica em meados do século XVII, onde temos o “surgimento” do peão, tempos depois (século XX), surge o pescador e, por último, o trabalhador na atividade turística, reconfigurando assim o ambiente laboral desta região.

Tivemos a oportunidade de morarmos no pantanal por aproximadamente três meses, período em que estabelecemos as primeiras aproximações com fontes orais, acompanhamos o modo de vida de trabalhadores residentes na sub-região do Pantanal do Miranda, mais precisamente em uma região conhecida como Passo do Lontra, às margens do rio Miranda. Nesse período, acompanhamos duas marchas de uma comitiva, marcha, segundo o peão Salvador, natural da Argentina, mas que escolheu o pantanal para viver a mais de 20 anos consiste em um período de monta e condução de gado do café da manhã ao encontro do cozinheiro que sempre vai à frente preparando as refeições com antecedência ou, após o almoço até o encontro com o mesmo para o jantar. A cada marcha, tira-se o arreo ou tralha do muar e sela-se outro animal para mais uma marcha, ou mais um período de condução do gado até o local de destino.

A atividade laboral de peão boiadeiro é um universo um tanto quanto masculino, onde, sempre que questionávamos a presença de mulheres nas comitivas, em uníssono surgia o nome de Mirele Geller, que hoje, “pendurou a espora” (expressão usada por peões ao aposentar ou deixar de desenvolver a atividade ) por questões de saúde mas não deixou o amor pela profissão. Esse encontro dialógico nos proporcionou um crescimento, sabemos que a existência rica e singular plasmada em um papel é de fundamental importância, mas a oportunidade de vermos *in loco* a realidade que esses atores sociais viveram e vivem nos proporcionou outra visão, visão até mesmo de vida, porém neste, falaremos das experiências de vida de Mirele, que desde os quatro anos de idade, acompanhava o pai na garupa de um burro.

Nossos encontros se deram em sua residência em Bonito (MS). O primeiro contato em 2017 e o segundo em 2018, mas, pelo teor de suas histórias, haverá outros encontros para que possamos ouvir os “causos” contados por nossa peoa.

### 3 | MODO DE VIDA DE MIRELE EM RELATOS, FOTOS E FATOS

Quem anda no trilho é trem de ferro.

Sou água que corre entre pedras – liberdade caça jeito.

Manoel de Barros

Nossa colaboradora, hoje com 33 anos, não exerce mais a atividade de peoa boiadeira por questões de saúde. Tendo em vista que em muitas regiões do pantanal a água é salobra, a mesma desenvolveu pedras na vesícula e após uma cirurgia, “pendurou as esporas”. Mirele é considerada a única peoa boiadeira do Pantanal Sul. Nascida na cidade de Fátima do Sul (interior de MS), sua mãe a deixou aos dois anos e seis meses de idade em uma fazenda localizada na região de Bonito (MS) com seu

pai. Sem saber o que fazer, ele, não tendo escolha, colocou-a na garupa de seu cavalo e a levou nas viagens das comitivas.

Segundo Ribeiro (2015), comitiva pantaneira é formada por um grupo de peões responsáveis pelo transporte de gado no Pantanal.

“Quando eu nasci, meu pai estava viajando, ele já era dono de tropa, ele me conheceu quando eu já estava com três meses. Eu acredito que minha mãe teve depressão, ela era muito jovem quando se casou com meu pai, a mãe dela fez ela ir com meu pai quando ela tinha 13 anos. Quando meu pai nos trouxe para a fazenda, ele teve que me deixar com a Jandira, minha mãe preta, que me criou até um ano e seis meses mais ou menos. Minha mãe quando se separou do meu pai deixou eu com ele, daí ele começou a me carregar nas comitivas. Quando a viagem era boa, ele me levava, quando a viagem era ruim, ele me deixava com a Jandira”.

Apresentando uma ligação muito forte com o pai, tanto que para não sair de perto dele, adotou/herdou a profissão. Quando pequena, ia à frente da comitiva juntamente com o cozinheiro. Porém, com seis anos de idade, ela passa a trabalhar na comitiva juntamente com o pai, ganhando um animal só para ela. A princípio sua função era abrir porteiras, cuidar dos mata-burros (que consiste em um estrato de madeira usado para cobrir buracos e valetas e evitar a passagem dos animais, geralmente é colocado para substituir a porteira) e ajudar o cozinheiro, sendo a viagem mais marcante de sua vida “quando eu já estava dominando”. Sua ligação com o cozinheiro era grande, nessa época seu pai tinha uma caminhonete e Mirele ia junto, mas houve muitas viagens em que o cozinheiro ia montado em animais. Sobre essa ligação com o cozinheiro, Mirele relata-nos que:

“Eu dava muito trabalho, como eu era gorda, cheia de dobrinhas, eu vivia cheia de maisena nas assaduras, quando ele ia buscar água no ‘corgo’, ele já me dava banho, assava um morceguinho pra mim, que é um pedaço pequeno de carne e quando a turma chegava eu estava dormindo, aí me acordavam para ir de novo. Quando a gente chegava no lugar de pouso, uma hora, uma e meia, aí que o Gaúcho ‘véio’ como meu pai o chamava me dava arroz e feijão.

Eu não tive aquela fartura de bolachinha, de pão, de bolo, a minha merenda era a sobra do almoço. Naquela época as pessoas ficavam com dó, as mulheres queriam ficar comigo, quando a gente parava perto de um lugar que tinha casa, ele ia lá e pedia leite pra mim, mas naquela época já era difícil eu tomar leite”.

Embora afastada da profissão, hoje mãe de um menino lindo e encantador de nome José Bento, este já possui a mesma paixão que a mãe e o avô por cavalos, comitivas e bois. Sobre gravidez, Mirele dizia que o pai sempre a advertia em relação aos estudos e gravidez, dizendo que se “aparecesse barriguda a poria para fora de casa”. Como os estudos sempre foi algo exigido pelo pai, ela sempre se esforçava para terminar logo e fechar as notas no terceiro bimestre para poder viajar em companhia do pai. Porém, ela brigou com um professor de matemática, abandonou a escola e foi trabalhar por conta própria em Bela Vista, município sul-mato-grossense, divisa com o Paraguai, período em que ficou dois meses sem dar notícias a seu pai.

Seu pai era o condutor da comitiva, o responsável por fazer o acordo com o dono da boiada e contratar os peões. Segundo Mirele, aos 12 anos de idade seu pai



a mandou em uma comitiva com outro condutor com o intuito de fazê-la desistir da profissão e se dedicar aos estudos, fato que deu errado, pois ela já exercia com afinco a profissão. Porém, aos 14 anos foi trabalhar para fora, trabalhar por conta com outros condutores.

A doma do animal é um dos “ofícios” para se ser um bom peão. Mirele lembra que trabalhou para um condutor que tinha uma tropa com animais que possuíam pouca doma, relata que “fiquei redonda de tanto tombo, a cozinha era de carroça, não usava burro de carga para acostumar com a lida, e os meninos do seu Godofredo mal enfreavam (colocavam freio) nos animais e já passavam para trabalharmos”. Contudo, seu pai nunca a ensinou a domar, este ofício ela aprendeu “com os outros” e começou a domar com 20 anos de idade.

Segundo Mirele, com medo de atrapalhar o pai e de que o mesmo não a levasse mais nas viagens, muitas vezes não apeava do animal para fazer xixi com frequência e quando apeava, já estava muito apertada “e já descia da mula apertada, mijando nas calças”. A peoa começou a beber pinga aos seis, sete anos, onde, no início era apenas para experimentar e só molhava a língua, mas como gostava de estar no meio dos peões, foi pegando o gosto até adotar o hábito de beber. “Igual cobra de laboratório, só no álcool, fui conhecer cerveja faz pouco tempo”.

Relata também que a bebida é comum nas comitivas e deixa claro que os condutores não permitem que seja levada na bagagem, muito menos consumida durante o trabalho. Mas para eles que ficam tanto tempo longe de casa, é um aperitivo nos dias de trabalho pesado. Ela sempre carregou sua pinga em um cantil, como não era de ficar embriagada, costumava dar pequenos goles ao longo do dia, nada que atrapalhasse o serviço, garante. A pinga, muitas vezes serve como inibidor de apetite nas estradas. Os companheiros sabendo que ela carregava a bebida costumavam pedir, mas só era partilhada com os companheiros que ela sabia que não davam problema e não ficavam embriagados durante o trabalho. “*Cansei de negar pinga para peão cachaceiro, que não sabe se controlar, bebe tudo de uma vez depois fica dando nojo*”. Relata ainda que:

“Eu lembro que tinha um índio velho, o ‘Eucrides’, eu comprava nos botecos pinga, aqueles corotinhos e dava para ele carregar mas chegava no fim do dia ‘cadê a pinga? Não, Mirele, é que eu vinha bicando ali e agora eu vou cortar’. Ele cortava o fundo pra mim chupar aquele restinho pois já tinha acabado a pinga que eu tinha comprado.

Naquela época eu podia comprar, não tinha essas coisas, eu ainda falava para o ‘botequeiro’ que se viesse um ‘peãozão’ alto era para ele falar que eu comprei bolachinha. Eu comecei a tomar pinga com uns seis anos, mas era só uns golinhos”.

Algo que nos chamou muito a atenção nos diálogos com Mirele foi uma espécie de “mecanismo de defesa” que ela criou para se proteger de abusos de peões. Sempre que chegavam a uma zona (prostíbulo), ela pagava para uma prostituta fazer companhia a ela, com isso, os peões achavam que a mesma era lésbica. “Passava

a noite conversando, pagava bebida e pelo programa mesmo sem ter acontecido nada. Eu às tratava com tanto respeito que quando a comitiva cruzava pelo mesmo caminho tinha disputa entre as meninas para quem ia fazer companhia pra mim. E os peões nem desconfiavam. Pra eles eu era “sapatão”, por isso passavam longe, nem se arriscavam mexer comigo”.

Por ter sido criada em um universo um tanto quanto masculino, recorda com um sorriso no rosto que:

“Quem me deu algumas informações sobre a vida, foi até interessante, quando eu estava tomando banho, vi que correu no chão sangue, e os peões falavam pra mim que no dia que saísse sangue da perereca, eu ia virar guri, eu ia ser guri por uma semana. Ah, mais eu fiquei faceira, né!. E como eu iria falar isso pro meu pai? porque os peões não falavam nada, coisa com coisa e nunca era para eu contar pro meu pai das nossas conversas, aí eu fui e falei pro meu pai ‘eu não sei o que aconteceu, é aquele negócio que dá, que diz quando vai virar moça, ou alguma coisa assim que vira que a gente fica meio macho, um dia de macho’. Meu pai sem entender nada, me levou na farmácia, chegando lá o ‘Cróvis’ pediu para uma moça chamada Helena conversar comigo. Aí, entrei lá pra dentro e contei tudinho para ela, aí eu disse: ‘eu tô de chico, eu sou o tal do chico’ e ela começou a rir e aí ela me explicou. Quando ela voltou com um pacote de absorvente, o ‘Cróvis’ já preparou o cérebro do meu pai: ‘ela já tá moça’.

Reza a lenda que mulher menstruada não pode andar a cavalo porque estraga o animal, até então eu estava em casa e não podia comer ovo frito, não podia abrir a geladeira, não podia tomar água gelada, não podia lavar o cabelo, não podia tomar tereré, eu virei uma santa aquela semana e os peões não entendiam o que havia acontecido.

Passou uns três meses depois, chegou as férias e eu fui viajar, aí meu pai comprou um pacotão grande de absorvente, enrolou num papel de presente e colocou na beira do meu dobre assim, bem no cantinho, chegou um belo dia e eu amanheci menstruada, arreei minha mula todinha, saí lá pro lado e falei pro meu pai: ‘pai, troca hoje’ porque eu trabalhava na frente com meu pai de fiadora, eu já comecei errado, ‘manda o fulano ir pra frente que eu vou ter que ir atrás puxando minha mula’. Daí ele quis saber o porque e eu não queria que os outros ficassem sabendo, ele olhou pra lá, olhou pra cá, até aquele dia nenhum dos companheiros sabia que eu tinha menstruado, que eu já era moça, e o interesse é que os melhores animais eram os meus, eu tinha uma mula que foi criada guaxa e ninguém gostava dela mas era a melhor mula que tinha na tropa, ela era muito passarineira, quando você pensava que não, ela refugava, era muito assustada, as vezes ela mesmo fazia um bicho pra ela, as vezes eu vinha com tropa sozinha por terra, ela despontava na frente do polaqueiro e ia embora, daqui a pouco ela parava, esquivava e ficava esperando a tropa chegar perto, quando a tropa chegava perto dela dava uma negada pra trás e a tropa toda virava para trás, eu falava que tudo aquilo era graça dela mesmo.

Voltando quando eu menstruei, meu pai olhou para um lado, olhou pro outro e disse: ‘monta e ocupa o seu lugar mesmo, não tem problema nenhum’. Mas assim, não deixou, a superstição não perdeu o lugar dela, realmente, mulher menstruada estragava cavalo, estragava animal cavalár”.

Mirele é tida como a única peão que cruzou o Pantanal de Norte a Sul, chegando a ficar 131 dias no lombo de um muar, exatos quatro meses e onze dias. Contou-nos que nesse período teve um período menstrual que durou mais de vinte dias e em local de pouso, uma senhora olhou para ela e disse que ela não estava bem, preparou

um chá e a benzeu, fazendo algumas rezas enquanto estava posicionada em suas costas e o ciclo menstrual foi cortado no outro dia. “Nesta viagem de 131 dias sofri um pouquinho, a viagem aconteceu no período de seca, tinha dia que saíamos do pouso pela manhã e só parava para jantar, por que não tinha água para fazer refeição e nem mesmo para beber. Teve um dia que nos extraviamos do cozinheiro na hora do almoço, só fomos encontrar ele no outro dia, aí que fomos almoçar”.

Tendo visto de quase tudo nessas estradas da vida, de assassinatos a abandono dos peões em comitivas em épocas mais difíceis, por questões de saúde, Mirele pendurou as esporas e hoje se dedica a atividade de ser mãe e cuidar de um condomínio de casas na cidade onde reside.

Normalmente utiliza-se na lida os burros e mulas por sua força e resistência, os apetrechos de arreios ou tralhas fazem parte dos equipamentos necessários e cada peão normalmente sabe fazer o seu a partir do couro da rês. O tereré é algo sempre presente no cotidiano pantaneiro, bebida de origem guarani

Independente da quantidade de água no pantanal, sempre se retira o gado para regiões altas e secas para que o rebanho não morra de cansaço, pois se há água, o gado não deita para ruminar. Em alguns trechos o rio torna-se muito fundo, obrigando os animais a nadarem, e os mais novos sofrem, podendo até se afogar.



**Imagem 01- Fazenda Caiman,  
Miranda, MS 2005**

Fonte: Acervo pessoal de Mirele Geller



**Imagem 02 - Vazante do Castelo,  
Pantanal da Nhecolândia,MS 2005**

Fonte: Acervo pessoal de Mirele Geller

Saber arriar o animal é uma das primeiras coisas que se aprende ao querer exercer a profissão de peão, para tanto é preciso exercer força ao amarrar a barrigueira do animal para que a sela permaneça no lugar.



**Imagem 03 - Retiro Santa Voila, Miranda, MS 2005**

Fonte: Acervo pessoal de Mirele Geller

Momento de encontro da comitiva com o cozinheiro, que nessa viagem foi de carro, o que depende do dono da comitiva o uso ou não de animais para levar caixas com comida. É notório a poeira da estrada retratada no rosto de Mirele.



**Imagem 04 — Fazenda Anacã, rio Taquari 2003**

Fonte: Acervo pessoal de Mirele Geller

Pouso localizado para frente do rio Salobra e um pouco a frente de Miranda

Após cada marcha, os animais normalmente são trocados, a tropa é emparelhada para que o peão escolha outro animal para montar



**Imagem 05 – Mula Marema, o melhor animal que Mirele já teve**

Fonte: Acervo pessoal de Mirele Geller



**Imagem 06 – Tropa formada**

Fonte: Acervo pessoal de Mirele Geller

Hoje, mãe de José Bento que já demonstra querer seguir os passos da mãe e do avô, com uma paixão por cavalos e gado, paixão passada de geração a geração.



**Imagem 07 - Mirele exercendo sua mais nova função**

Fonte: Acervo pessoal de Mirele Geller

Muitas vezes, faz-se necessário a travessia de rios de barco para acompanhar a travessia do gado em regiões muito cheias, o barco sempre vai a uma certa distância até mesmo para não assustar os animais. Mirele aprendeu a nadar nos corixos do pantanal mas diz que já viu muito peão bom nadador ser levado pela correntezas e afogar-se.



**Imagem 08 - Travessia de rio**

Fonte: Acervo pessoal de Mirele Geller

## 4 | REFLEXÕES DIALÓGICAS

Sabiá de setembro tem orvalho na voz.

De manhã ele recita o sol

Manoel de Barros

A História Oral nos proporciona momentos ímpares em histórias como a dos peões pantaneiros, o que nos permite ouvir/vivenciar seus momentos de glórias, angústias e proezas. O cotidiano de um peão no Pantanal não é fácil. É uma atividade laboral que exige conhecimento de como lidar com o gado, o trajeto a ser seguido, lembrando que temos neste bioma os períodos das cheias e vazantes (vazante, segundo Magalhães (1992), são canais de comunicação ou de drenagem entre rios e lagoas que se formam principalmente nos períodos de cheias, na estação seca praticamente desaparecem da superfície, que se torna coberta por gramíneas).

Embora ainda seja uma forma rústica, a comitiva ainda é o sistema mais eficaz e extremamente necessário para os produtores rurais, sobre tudo no pantanal, por questões econômicas e de logística. Por conta da escassez de estradas, o difícil acesso às propriedades rurais e dos atoleiros o uso das comitivas, para muitos fazendeiros, é

a única alternativa no manejo de centenas de cabeças de gado. A comitiva vai onde o caminhão boiadeiro não vai, a comitiva conduz um número de animais que as vezes seria necessário dezenas caminhões para fazer o traslado.

Este artigo trouxe parte dos diálogos com Mirele, a história de uma mulher que escolheu como profissão ser peoa boiadeira, seguindo o exemplo do pai. Na lida enfrentava as mesmas dificuldades que os homens, laçava boi bravo e não aceitava privilégios e regalias pelo fato de ser mulher. Aprendeu a beber para ser aceita no grupo e mostrou que é tão boa na doma dos animais quanto os peões mais velhos e tradicionais. “Deus não me deu riqueza, ouro ou diamante, mas me deu o dom de tocar berrante”, frase escrita num caderno escolar aos 14 anos.

Suas lembranças, recheadas de saudosismo, de pertencimento a um grupo organizado e consciente da importância de sua atividade, assim como da harmonia, conexão e companheirismo no que tem que ter em uma viagem, é evidente em seu tom de voz, em seu olhar e as risadas durante nossos encontros.

Segundo Bosi (1987), é natural quando se apreende que a lembrança não se configura como uma mera reprodução do fato, ela é, sobretudo, recriação do passado, é esperança de construção do novo, é um diamante bruto a ser lapidado pela memória.

A história de vida de Mirele, que a princípio de nossa parte era apenas o interesse enquanto pesquisadora para ouvir o relato de uma mulher peoa, torna-se peça central em nossas indagações a título de uma pesquisa mais profunda, pois são muitas as reflexões que os diálogos nos leva a ter sobre a História Oral e o Modo de vida desta que eu a chamo de “minha heroína”.

## REFERÊNCIAS

ADÁMOLI, Jorge. **Diagnóstico do pantanal**. (Características ecológicas e problemas ambientais). Brasília, DF: IBAMA/PNMA, 1991.

BANDUCCI JUNIOR, Álvaro. **A natureza do pantaneiro**: relações sociais e representação de mundo no “Pantanal da Nhecolândia”. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2007.

BARROS NETO, José de. **A criação empírica de bovinos no pantanal da Nhecolândia**. São Paulo: Ed. Resenha Tributária, 1979.

BOSI, Ecléa. Cultura e desenraizamento. In BOSI, Alfredo (org.). **Cultura brasileira** - temas e situações. São Paulo: Ática, 1987.

BRASIL. Ministério do Meio Ambiente. **Cadastro Nacional de Unidades de Conservação** – CNUC. 2010. Disponível em: <<http://www.mma.gov.br/areas-protegidas/cadastro-nacional-de-ucs>>. Acesso em 03/02/2017.

BRUM, Eron. **Cenários do Pantanal**: o gado, os peões e as comitivas. Albuquerque: Revista de História, Campo Grande, MS, v. 2, n. 3, p. 19-30, jan/jun. 2010.

CAMPOS FILHO, L. V. S. **Tradição e ruptura**: cultura e ambientes pantaneiros. Cuiabá, MT: Entrelinhas, 2002.

Fundação Roberto Marinho. **Tom do Pantanal**. Rio de Janeiro: Fundação Roberto Marinho *et. al.* 2002. (Livro da Série Cadernos do Professor, 2).

LEITE, E. F. **Marchas na história**: comitivas de peões – boiadeiros no Pantanal. Campo Grande, Ed. UFMS, 2003.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Mapa de Biomas e de vegetação**. 2004. Disponível em: <<https://ww2.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/21052004biomashtml.shtm>>. Acesso em 03/02/2017.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Manual de História Oral**. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

\_\_\_\_\_; HOLANDA, F. **História oral**: como fazer, como pensar. São Paulo: Contexto, 2011.

MAGALHÃES, N. W. da. **Conheça o Pantanal**. São Paulo: Terragraph, 1992.

NOGUEIRA, Albana Xavier. **O que é pantanal?** São Paulo: Brasiliense, 1990.

\_\_\_\_\_. **Pantanal, homem e cultura**. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2002.

RIBEIRO, Mara Aline. **Entre cheias e vazantes**: a produção de geografias no Pantanal. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2015.

RIBEIRO, M. A.; MORETTI, E. C. **Progresso e resignificação da geografia do pantanal**. Mercator, Fortaleza, v. 11, n. 24, p. 43-51, jan/abr, 2012a. Disponível em: <<http://www.mercator.ufc.br/mercator/article/view/661>>. Acesso em 03/02/2017.

RIBEIRO, M. A.; MORETTI, E. C. **Pantanal/MS/Brasil**: a construção de novas geografias. Anais... XII Coloquio Internacional de Geocrítica. Universidad de Barcelona, Espanha, 2012b. Disponível em: <<http://www.ub.edu/geocrit/coloquio2012/actas/01-M-Ribeiro.pdf>>. Acesso em 03/02/2017.

SILVA, C. J. da. **No ritmo das águas do Pantanal**. São Paulo: NUPAUB, USP, 1995.

SILVA, J. dos S. V. da; ABDON, M. de M. **Delimitação do Pantanal e suas sub-regiões**. In: Pesquisa Agropecuária Brasileira. Brasília: v. 33. Número especial. Out. 1998. P. 1073-1711. Disponível em: <<https://seer.sct.embrapa.br/index.php/pab/article/view/5050/7203>>. Acesso em 25.08.2016.

Agência Brasileira do ISBN  
ISBN 978-85-7247-054-4

